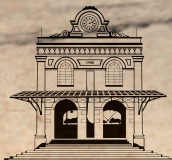


O Bonde do Balão



ESTAÇÃO CULTURA
Fundação Pro-Memória de São Carlos



PREFEITURA DE
SÃO CARLOS
TRABALHO SÉRIO FAZ UMA CIDADE FORTE

Fundação Pró-Memória de São Carlos

Praça Antônio Prado s/n, Centro
CEP 13560-046, São Carlos, SP
+55 16 3373-2700
www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br
promemoria@saocarlos.sp.gov.br

FICHA TÉCNICA

Pesquisa e Texto

Júlio Roberto Osio

Pesquisa de imagens

Leila Maria Massarão
Júlio Roberto Osio

Revisão e adaptação

Giovana Milozo

Montagem

Leila Maria Massarão

Diagramação

Editora Cubo

Apoio Administrativo

Fundação Pró-Memória de São Carlos

Imagens

Fundação Pró-Memória de São Carlos,
Arquivo Público e História (FPMSC)
e Museu de São Carlos (FPMSC)

Realização



ESTÇÃO CULTURA
Fundação Pró-Memória de São Carlos



**PREFEITURA DE
SÃO CARLOS**
TRABALHO SÉRIO FAZ UMA CIDADE FORTE



Conheça o Bonde da Vila Nery

Se você nunca viu um bonde, agora você tem a chance de ver um bem de perto. Na Praça ARCESP, que fica na Vila Nery, existe um bonde que está exposto no mesmo local em que ele costumava rodar a cerca de 100 anos atrás. Esse bonde era conhecido como *bonde da Vila Nery*, pois ele saía desse bairro, retornando ao centro da cidade e seguindo até a estação ferroviária. Durante esse trajeto, ele realizava um contorno pela praça, isto é, “fazia o balão”, e por isso mesmo o local recebeu o nome *Balão do Bonde*, um nome de origem popular e que traz um pouco sobre a história dos bondes em São Carlos.



Figura 1. O bonde da Vila Nery em seu Memorial no Balão do Bonde.

Os bondes

A palavra *bonde* tem origem do inglês, *bond*, e significa elo, ligação, união. São vários os motivos que explicam o porquê do uso dessa palavra para nomear um meio de transporte e um deles seria o elo que existia entre a empresa de transporte e seus investidores. Além disso, o bonde ligava vários pontos e bairros da cidade, facilitando a comunicação entre eles e a circulação de pessoas.

Nos Estados Unidos, *bond* era o nome dado aos cupons utilizados como passagens para o uso desse transporte, enquanto no Brasil o termo designava o veículo em si. Aqui, o termo passou a ser “bonde” (com “e”, no final) por questões de pronúncia, sendo mais uma das muitas palavras estrangeiras que foram aportuguesadas, isto é, adaptadas para o nosso idioma.

Os bondes começaram a circular nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XIX e seu sucesso foi tanto que logo se espalharam pelo mundo. No início, eles eram puxados por animais, pois eram uma adaptação das diligências (Figura 3) e posteriormente passaram a ser movidos por eletricidade.



Figura 2. Bonde de tração animal da Empresa de Bondes de Sant'Anna, na cidade de São Paulo.

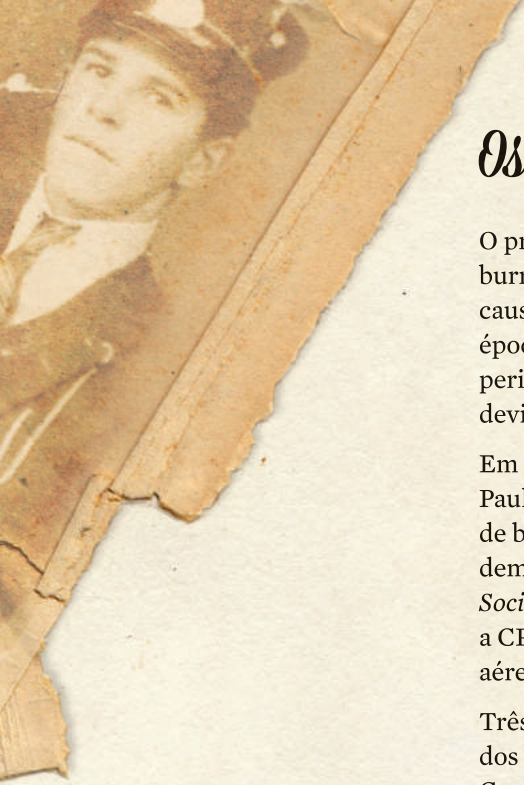


Figura 3. Diligência: puxada por quatro ou seis cavalos, comportava até seis passageiros. Em cima, ficava o cocheiro e um ajudante. Sobre o teto e na parte traseira, ficavam as bagagens. Podemos vê-las em ação nos filmes americanos.

Bonde Elétrico - Veículo Bidirecional



- | | | |
|--|------------------------------|---|
| 1 Coletor de energia elétrica | 5 Número do veículo | 9 Cortinas protetoras abaixáveis |
| 2 Número da linha de percurso | 6 Plataforma do motorneiro | 10 Varão de obstrução de passagem abaixável |
| 3 CPE - Companhia Paulista de Eletricidade | 7 Estribo | 11 Balaústres |
| 4 Quadros de propaganda | 8 Bancos com encostos móveis | 12 Plataforma do motorneiro |



Os bondes em São Carlos

O primeiro bonde que rodou em São Carlos era puxado por burros e surgiu nesta cidade no final do século XIX. Mas, por causa da epidemia de febre amarela que aconteceu naquela época, os bondes foram retirados de circulação, porque era perigoso muitas pessoas estarem juntas, em um mesmo lugar, devido ao risco de contaminação.

Em 1912, a prefeitura assinou um contrato com a Companhia Paulista de Eletricidade (CPE) e isso possibilitou a circulação de bondes elétricos na cidade, a partir de 1914. Os bondes e demais equipamentos eram encomendados da fábrica belga *Société Franco-Belge de Matériel de Chemins de Fer*, sendo a CPE responsável pela colocação dos trilhos e das linhas aéreas de energia.

Três bairros eram ligados à estação ferroviária pelas linhas dos bondes. No início, eram seis carros e três linhas: 01. Cemitério Nossa Senhora do Carmo - Estação; 02. Santa Casa - Ginásio (do Colégio Diocesano); 03. Vila Nery - Estação. Os bondes saíam da Vila Nery, da Santa Casa e do Cemitério, cruzavam-se no centro e seguiam até a Praça Antonio Prado, que é a praça da Estação.

Houve uma época em que até dez bondes circulavam pela cidade, levando passageiros ou não, como era o caso do *bonde de manutenção*, que era uma espécie de oficina ambulante e cuidava da manutenção dos próprios bondes e dos trilhos.

Havia, ainda, o bonde da “carne verde” (Figura 7), que transportava carne fresca do matadouro até o mercado municipal, levando a carne também para alguns açougues, durante seu trajeto. Suas portas laterais eram de correr e para facilitar a carga e descarga da mercadoria, havia uma pequena escada que era colocada entre o piso da rua e o piso do bonde. As cores do veículo foram mantidas mesmo com o passar dos anos e o vagão, nas suas duas cabeceiras, ganhou o letreiro “carne verde”. Assim, diferente de outras cidades, onde a carne fresca era transportada por carroças, carros de boi, carroções, e caminhões com carrocerias abertas, em São Carlos a carne era entregue pelo *Bonde da Carne Verde*.

Sociedade Parque Clube							
Horário dos Bondes da linha Vila Nery							
Na Estação							
05,55	08,37	11,01	13,25	15,49	18,13	20,37	
06,31	08,55	11,19	13,43	16,07	18,31	20,55	
06,49	09,13	11,37	14,01	16,25	18,49	21,13	
07,07	09,31	11,55	14,19	16,43	19,07	21,31	
07,25	09,49	12,13	14,37	17,01	19,25	21,49	
07,43	10,07	12,31	14,55	17,19	19,43	22,07	
08,01	10,25	12,49	15,13	17,37	20,01	22,43	
08,19	10,43	13,07	15,31	17,55	20,19		
Na Praça Cel. Sales							
05,46	08,28	11,10	13,52	16,34	19,16	21,58	
06,04	08,46	11,28	14,10	16,52	19,34	22,16	
06,22	09,04	11,45	14,28	17,10	19,52	22,34	
06,40	09,22	12,04	14,46	17,28	20,10	22,52	
06,58	09,40	12,22	15,04	17,46	20,28		
07,16	09,58	12,40	15,22	18,04	20,46		
07,34	10,16	12,58	15,40	18,22	21,04		
07,52	10,34	13,16	15,58	18,40	21,22		
08,10	10,52	13,34	16,16	18,58	21,40		
NO PARQUE CLUBE							
05,37	08,37	11,19	14,01	16,43	19,25	22,07	
06,13	08,55	11,37	14,19	17,01	19,43	22,25	
06,31	09,13	11,55	14,37	17,19	20,01	23,01	
06,49	09,31	12,13	14,55	17,37	20,19		
07,07	09,49	12,31	15,13	17,55	20,37		
07,25	10,07	12,49	15,31	18,13	20,55		
07,43	10,25	13,07	15,49	18,31	21,13		
08,01	10,43	13,25	16,07	18,49	21,31		
08,19	11,01	13,43	16,25	19,07	21,49		
Peça ao condutor passe de ida e volta com direito a entrada no Parque pelo preço de \$500 réis							

Figura 4. Volante com os horários da linha do bonde da Vila Nery.



Figura 5. Inauguração das linhas de bondes elétricos em São Carlos, estação ferroviária, 27/12/1914.



Figura 6. O bonde balançando pelas ruas de São Carlos.

Bonde da Carne Verde

“Carne verde” significava “carne fresca” e era uma expressão comum, na época. Para diferenciá-lo dos outros bondes, que eram inteiramente vermelhos, esse tinha também a cor verde. Podemos vê-lo na foto com a inscrição funcional e a sua cor característica.



Figura 7. Estação de bondes, na Rua Padre Teixeira. O bonde da Carne Verde saía do matadouro, transportando carne fresca para os açougues da cidade.

Os bondes em São Carlos

Mapa baseado na planta da cidade de 1961, que se encontra no pátio Central da Catedral.



Bonde "Carne Verde". Carro 19, utilizado para transportar carne fresca do Matadouro até o Mercado Municipal.



Bonde 3 no terminal da Santa Casa de Misericórdia (edificações ao fundo). Observe o cobrador realizando a inversão do coletor de eletricidade para que o bonde retorne pelo mesmo trajeto. Isso ocorria também em outros pontos finais, como: Diocesano, Estação (linha marrom) e Mercado Municipal. Nesses casos, o motoneiro mudava de cabine.



Bonde da linha Santa Casa - Ginásio aguardando a passagem do trem para cruzar a linha férrea.

FOTOS 1, 2 E 3 MORRISON, A. THE TRAMWAY OF BRAZIL, 1989 FOTOS 4 E 5 ACERVO APH - FPMSC





6



Antigo Mercado Municipal



Mercado Municipal

7



Antiga Catedral



Catedral

8



Praça Coronel Salles

9



Escola Dr. "Álvaro Guião"

10



Bonde Reservado (18/10/1937). Bonde usado exclusivamente para transportar passageiros que acompanhavam os enterros. O trajeto partia da Catedral e chegava ao Cemitério Nossa Senhora do Carmo.

11



Foto tirada na Estação dos Bondes (18/10/1937). Gerente da Companhia e os funcionários dos bondes.

12



Bonde fazendo o retorno no Balão da Vila Nery.



Balão do Bonde

- Linha Cemitério - Estação
- Linha Vila Nery - Estação
- Linha Santa Casa - Ginásio
- Ramal Matadouro/Ramal Mercado (transporte de carne)

Motorneiros e cobradores

Dentre todos os que trabalhavam diretamente com os bondes, os **motorneiros** e os **cobradores** eram os mais conhecidos, pois estavam sempre em contato com o público, não importando em quais condições. Ainda que chovesse, eles não deixavam de realizar o seu trabalho, protegendo-se com capas sobre a farda e o quepe, os quais compunham seu uniforme.

Os motorneiros, que conduziam os bondes de passageiros, ficavam em uma espécie de cabine ou plataforma, existindo uma em cada extremidade do veículo, havendo, portanto, duas “frentes”. Ao chegar ao destino final, o motorneiro mudava de uma cabine para a outra, a fim de conduzir no sentido oposto – por isso, os bondes eram veículos bidirecionais. No Balão do Bonde, entretanto, essa troca de cabines não era necessária, por causa do retorno que era feito ao redor da praça.

Os cobradores, assim popularmente chamados, penduravam-se pelos balaústres e equilibravam-se sobre os estribos,

circulando por entre os passageiros para cobrar pelas passagens. Usando um apito para sinalizar ao motorneiro o momento da partida, logo após as paradas para as subidas e descidas dos passageiros, ele auxiliava na condução, sendo também um “condutor”.

Dentre os funcionários menos conhecidos, porém não menos importantes, havia os mecânicos, os carregadores, os limpadores e outras categorias de trabalhadores, que trabalhavam principalmente na estação de bondes da Rua Padre Teixeira. Havia, ainda, o pessoal da manutenção, que circulava nos *bondes de manutenção*, cuidando para que tudo funcionasse adequadamente.

Os motorneiros e os cobradores eram os principais protagonistas no cenário de constante *vai e vem* dos bondes. Com seus paletós, seus quepes cáquis e suas gravatas escuras, eles eram vistos subindo e descendo a Avenida São Carlos, na Rua General Osório, na Rua Major José Ignácio, na Rua Sete de Setembro, na Rua Padre Teixeira, no Balão do Bonde, na Praça da Estação, no Diocesano. E, durante todo esse trajeto, passavam pela alfaiataria Loporini, pelo Mercado Municipal, pelo Cine São Carlos, pela Praça Coronel Salles, pela Escola Normal, pela Santa Casa, pelo Cemitério, enfim, em um mover-se de quase cinquenta anos, levando e deixando pessoas e histórias.



“Os bondes eram fraternais e tanto eram que, à tardinha, à hora das saídas das fábricas (que quase coincidia com a hora das aulas noturnas), vinham lotadinhos com passageiros dependurados nos balaústres, exigindo uma ginástica descomunal do pobre cobrador que tinha de fazer mágicas para receber a passagem e dar o troco. Pois mesmo assim, quando parava em algum ponto, vinha mais gente perguntando se cabia mais um.

Cabia. No bonde sempre cabia mais um, diziam os mais velhos que era como coração de mãe, disposto a qualquer sacrifício. E nele ia gente para a missa, o enterro, o casamento, o cinema e para o amor; cada pessoa carregando a sua alegria e a sua angústia, mas quase todos puxando dois dedos de conversa até chegar ao destino.

O bonde era assim. Só quem foi seu passageiro é que pode entendê-lo e senti-lo e ter essa saudade absurda e boa!”.

(KEBBE, Eduardo. *O Bonde*, A Folha, 18 de maio de 1974, p. 25, in *Postais do Tempo*, Edufscar/Imprensa Oficial, São Carlos, 2007.)



Figura 8. Bonde da Avenida São Carlos. Nota-se o cobrador segurando-se ao balaústre e andando sobre o estribo. Ao fundo, a Igreja São Benedito (cruzamento da Rua General Osório com a Rua Nove de Julho).

Figura 9. Funcionários na estação de bondes da Rua Padre Teixeira. Atrás, um bonde “camarão” (assim eram chamados os bondes fechados por causa da sua forma e da sua cor vermelha).





Figura 10. São-carlenses despedindo-se do bonde em sua última viagem pela Avenida São Carlos, em junho de 1962 (fotos FPM).

O cronista Eduardo Kebbe expressou, de maneira poética e bastante sensível, a trajetória dos bondes em suas crônicas, que eram publicadas nos jornais da cidade (agora, em livros), relatando o cotidiano são-carlense.

Os bondes deixaram de circular, em São Carlos, em 1962, quando se encerrou o contrato entre a prefeitura e a CPE. A cidade havia crescido: carros e caminhões já estavam em circulação e acabaram por substituir os bondes por serem mais rápidos e mais baratos.

Antes mesmo que as atividades dos bondes fossem finalmente encerradas, o transporte público passou a ser feito utilizando-se peruas *Kombi*. Houve, portanto, um período em que alguns bondes ainda circulavam pela cidade, enquanto as linhas de percurso eram, aos poucos, ocupadas por essas peruas. Mais tarde, surgiram os ônibus, os quais permanecem até os dias atuais, sendo o principal meio de transporte para a população de São Carlos.



Curiosidades sobre os bondes em São Carlos

Que horas são?



O folclore são-carlense está repleto de histórias curiosas sobre bondes e fantasmas. Um dos pontos finais do bonde da linha 1, por exemplo, situava-se em frente ao cemitério, mais precisamente ao portão velho da Avenida São Carlos. Lá, havia uma grande cruz de madeira e, do lado de dentro do cemitério e próximo ao muro, estava localizado o necrotério. O lugar era ideal para despertar a imaginação e o medo das pessoas, pois, com a pouca luz, as muitas sombras e quase ninguém ali circulando, o cenário semelhante a um filme de terror estava criado: cemitério, sombras, cruzes, mortos...

Certa vez, em uma noite longa, fria e silenciosa, o motorneiro e o condutor preparavam-se para o fim do expediente, após mais um dia de trabalho. Eram mais de onze horas. O condutor já havia virado o coletor de energia e finalmente o bonde seria levado até a garagem, que se localizava na Rua Padre Teixeira.

De repente, um barulho próximo ao portão do cemitério foi ouvido. Ambos, motorneiro e condutor, arregalaram os olhos e sentiram tremerem-lhe os ossos. Foi quando viram uma estranha cabeça aparecer sobre o muro, a lhes perguntar:

— Que horas são?

O motorneiro, tomado por grande pavor, correu em disparada pela Avenida São Carlos, deixando seu colega para trás. O condutor, que não se deixou levar pelo medo, resolveu dar uma espiada, escondido, por trás do bonde, para descobrir o que seria aquela misteriosa aparição. Foi então que percebeu um homem comum, que tornava a perguntar: “Que horas são?”.

Resumidamente, era um bêbado que, para não ser incomodado em suas noites de bebedeira, havia feito de um dos túmulos a sua cama. Ao perceber que havia pessoas por perto, resolveu subir sobre



ele e, apoiando-se sobre o muro, surpreendeu os dois trabalhadores, apenas com a intenção de saber o quanto a noite havia já avançado.

Sabendo do que se tratava, o condutor saiu em busca do motorneiro, que havia simplesmente desaparecido. Foi encontrado muitos quarteirões abaixo, próximo à Rua Antonio Blanco, pálido, ofegante, mudo de medo e pavor.

Essa história tornou-se bastante conhecida, embora o motorneiro ainda estremecesse quando seu colega contava o episódio às outras pessoas, que riam e zombavam da ingênua crença do pobre homem.

Turistas e moleques

O senhor Luís Mian, um antigo motorneiro e cobrador nos bondes de São Carlos, hoje com 85 anos de idade, tem muitas histórias sobre sua experiência em trabalhar nas ruas da cidade. Trabalhando até dezesseis ou dezoito horas por dia, ele chegou a dobrar seu salário, com as muitas horas extras que fazia.

Na época do centenário de São Carlos, em 1957, Mian conta que havia muitos turistas, que pegavam os bondes para conhecer a cidade, subindo e descendo a avenida, pelo trajeto Estação Ferroviária - Cemitério, principalmente. Na função de cobrador, ele circulava entre eles, conversando, dando-lhes informações e satisfazendo suas curiosidades.

Outra de suas lembranças, que ele conta entre risos, é sobre os meninos que pregavam peças no cobrador. Os garotos sentavam-se no último banco e aguardavam pelo momento em que o bonde ou reduzia a velocidade, ou fazia uma curva, ou parava pelos passageiros. Nesses instantes, eles aproveitavam a oportunidade para pular do veículo e fugir, sem pagar a passagem!

Em época de festas juninas, as crianças andavam com bombinhas traques nos bolsos e colocavam-nas sobre os estribos dos bondes, para assustar os passageiros. As mulheres eram as maiores vítimas, dando gritos de susto, os quais divertiam a garotada, que sempre ficava à espera de uma boa cena.

São muitas as histórias da época dos bondes, as quais vivem no imaginário de pessoas que as contam com satisfação. E essas memórias são importantes para que possamos conhecer um pouco mais sobre a história da cidade de São Carlos.



Figura 11. Visão interna do bonde em São Carlos (década 1950).

A história do bonde da Vila Nery

Ainda que os bondes deixassem de circular, em 1962, o bonde da Vila Nery continuou sua trajetória por mais algum tempo. Nesses quarenta e oito anos em que esse bonde rodou pelas ruas de São Carlos, muitas pessoas envolveram-se em seu funcionamento, desde as que trabalhavam na prefeitura e na CPE, responsáveis pelo transporte público, até os funcionários mais conhecidos: os motorneiros e os cobradores.

O bonde da Vila Nery permaneceu, por algum tempo, guardado no depósito da estação da Rua Padre Teixeira. O marceneiro Nicola Gonçalves interessou-se por ele e se dispôs a comprá-lo. Ele entrou em contato com o diretor da CPE, Dr. Djalma Ferraz Kehl, que lhe pediu um preço bastante alto, sendo impossível adquiri-lo. Nicola não desistiu e buscou alternativas: fez contatos com Dário Rodrigues e com Totó Fiorentino, membros do Rotary Club de São Carlos. A organização, por sua vez, comprou o bonde e o doou à Prefeitura Municipal de São Carlos, que providenciou sua exposição no jardim da Piscina Municipal, lá permanecendo por muitos anos.

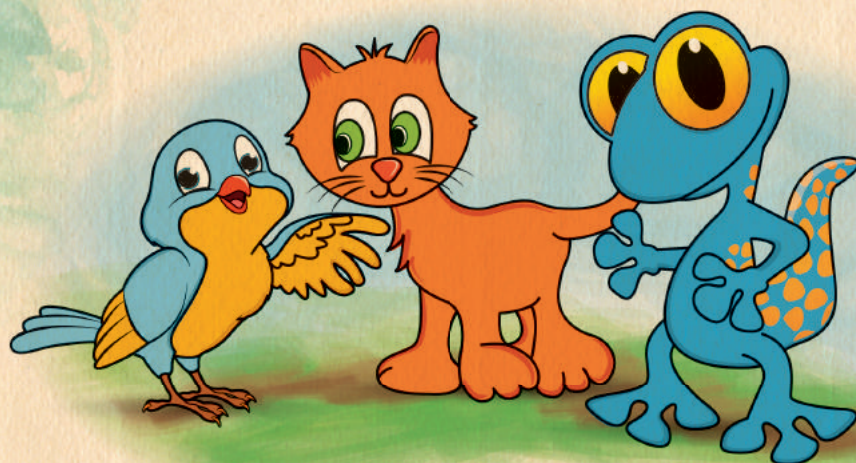


Figura 12. Nicola Gonçalves junto ao bonde da Vila Nery, no Balão do Bonde (foto do Museu).

A Fundação Pró-Memória de São Carlos contatou Nicola e solicitou que ele mesmo fizesse a restauração do bonde. Nicola assim o fez e o deixou em perfeitas condições para ser exposto, em 2010, no seu lugar histórico: o Balão do Bonde da Vila Nery.

Nicola recuperou, também, o bonde número 3, que comprou do Dr. Djalma F. Kehl, e estava todo desmontado (por isso, o preço foi bem acessível). Foi remontado, restaurado e vendido a um dono de um pesqueiro, que o levou para lá, permanecendo esquecido, durante algum tempo. Foi, então, comprado pelo Grupo *Damha*, que o colocou para a apreciação e visitação pública, no espaço “Estação Damha”, podendo ser visto até mesmo por quem passa pela rodovia próxima ao local.

Brincando no bonde



A nossa história começa assim: o gato Renato, a passarinha Silvinha e o lagarto Leonardo estavam sentados, folheando um álbum de fotografias. Riam muito das roupas engraçadas que seus avós usavam naqueles tempos antigos. O bigode revirado do vovô gato, o penteado alto da vovó passarinha, o paletó e a gravata borboleta do papai lagarto. Riam tanto que se reviravam na poltrona e punham as mãos na barriga.

Ao virarem uma folha desse mesmo álbum, apareceu uma linda foto de um bonde. Eles ficaram encantados ao verem aquele bonde com os seus lados abertos, os bancos de madeira, o redondo do arco sobre o seu teto e, rapidinho, resolveram fazer um passeio de bonde. Mas Leonardo, o lagarto, com aquela cara de esperto, logo tratou de lembrar os colegas:

— Só que vocês se esqueceram do principal. Os bondes não existem mais, e como nós vamos passear num deles, hem?

Silvinha, a passarinha, que circula muito pelos céus e árvores da cidade de São Carlos, também se lembrou:

— Léo, agora quem se esqueceu foi você! Pois lá na Vila Nery, no “balão do bonde”, onde eu passo voando quando vou à caixa d’água para ver de lá toda a cidade, tem um bonde. Ele fica bem no meio da praça ARCESP, todo lindão!

— É mesmo! — disse alegremente o gato Renato, de olho na passarinha e meio afastado do lagarto, todo cuidado é pouco. Então – continuou Renato - a gente pode dar um passeio de bonde. O que vocês acham?

Quando os dois iam responder, Renato respondeu por eles.

— Então, está resolvido, vamos pra lá, agora!

Leonardo, meio chateado por não ter se lembrado do bonde no “balão do bonde”, vejam vocês, outra vez, foi logo cortando o entusiasmo dos dois:

— Como eu já disse, vocês são mesmo meio esquecidinhos, foi bem lembrado o bonde da praça, mas como a gente vai passear de bonde se aquele bonde não sai do lugar, hem? Estão vendo a confusão: passear de bonde num bonde parado. Não dá!

Renato, não deixando dar-se por vencido, disse depressa, antes que o Leonardo inventasse outra:

— Mas para tudo tem uma solução! E antes que vocês me perguntem, com caras de interrogação, “como?!”, eu já respondo: usando a imaginação.

— Como?! — disseram Silvinha e Léo.

Renato, o gato, piscando o olho, disse:

— Muito simples. A gente vai para o “balão do bonde”, entra no bonde, e aí fazemos de conta que ele está andando e nós só passeando, de boa. Vamos?!

— Legal! — responderam Leonardo e Silvinha tomados pelo entusiasmo do gato. Renato apenas sorriu.

E lá se foram os três bem contentes, um dizendo que o outro era o máximo e tal. Silvinha ia voando e os outros dois caminhando meio apressados. Não paravam de falar sobre o bonde da Vila Nery: “Que o bonde!” “Que tinham visto!” “Que iam!”.

Logo que chegaram à Praça ARCESP, viram o bonde ali, maravilhoso, bem no meio dela. Silvinha, sem

nenhuma dificuldade, voou até ele. Léo, o lagarto, passou por baixo da porta, e o gato Renato, com um pouco mais de dificuldade, pulou na árvore, subiu pelos galhos e saltou em um banco do bonde.

Os três sentaram-se, contentes, num desses bancos e imaginaram o bonde andando. Lá se foram eles pela vida afora, com as mãos na nuca, como se estivessem dando um delicioso passeio.

Depois da brincadeira muito divertida, em que fingiram ser passageiros, motorneiro e cobrador, saíram e foram embora, comentando o belo passeio que tinham feito. E mais, prometeram voltar mais vezes, com outros amigos. Enquanto eles saíam do bonde, empolgados e falando sem parar, viram que estavam chegando muitos alunos com as suas professoras para também usarem a imaginação e, lógico, imaginarem fazendo um belo passeio de bonde.

E mais não sei, só sei que foi assim.

E eu? Eu também vou dar uma volta de bonde! Tchau!

JOGO DOS 7 erros



Ajude Leonardo, Renato e Silvinha a encontrarem as sete diferenças entre as duas ilustrações.



Esconde-esconde



Léo, Renato e Silvinha adoram brincar de esconde-esconde. Veja se você consegue encontrá-los escondidos no bonde.

Horário de visitas ao Bonde da Vila Nery

As escolas podem agendar visitas monitoradas ao bonde, entrando em contato com a Fundação Pró-Memória de São Carlos. O horário das visitas é de segunda a sexta-feira, das 9h às 11h e das 14h às 16h. Contato: (16) 3373-2700, ramal 216.

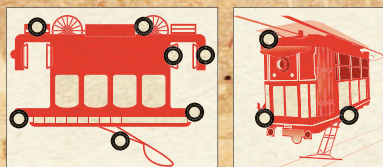
A Fundação Pró-Memória de São Carlos

A Fundação Pró-Memória de São Carlos, criada pela Lei nº 10.655, de 12 de julho de 1993, tem o objetivo de preservar e difundir o patrimônio histórico e cultural do Município de São Carlos. Suas principais atividades são reunir, conservar e disponibilizar documentos de valor histórico e cultural, que podem ser de origem dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e também de coleções particulares. A Fundação tem, ainda, a função de catalogar, inventariar e pesquisar sobre os bens patrimoniais materiais e imateriais de São Carlos. Conheça o nosso site: promemoria.saocarlos.sp.gov.br.



Figura 13. O bonde na praça ARCESP,
o bonde no Balão.

RESPOSTAS:





ACERVO APH - FPMSC



Bonde subindo a
Avenida São Carlos
(década de 1940).

Esta peça custou R\$2,49 aos cofres públicos municipais. D.O. nº 05.01.13.392.5004.2.307.3.390.3004. Ficha 50. Tiragem: 1000 exemplares. FPMSC